



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

CAMILA HITA DE AGUIAR

**SIMBOLOGIA CULTURAL DO CANDOMBLÉ
NA CIDADE DE SALVADOR**

Salvador

2014.2

CAMILA HITTA DE AGUIAR

**SIMBOLOGIA CULTURAL DO CANDOMBLÉ
NA CIDADE DE SALVADOR**

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Sadao Nakagawa

Salvador

2014.2

BANCA EXAMINADORA

Fábio Sadao Nakagawa

Miriam C. M. Rabelo

José Roberto Severino

Agradecimentos.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação pelas inúmeras experiências de ensino e aprendizado que proporcionaram, em especial, o caro orientador Fábio Sadao e Miriam Rabelo. O primeiro com elucidativos encontros de supervisão quase sempre realizados no dia de Oxalá, a segunda pelas aulas de grande teor reflexivo.

Também agradeço aos amigos e aos colegas de sala pelos momentos compartilhados, ideias trocadas, tais como a breve conversa com George Hora que levou a inteirar-me da existência do Otá de Xangô bem aqui na cidade de São Salvador.

Aos cuidados e atenção dos terreiros Ilê T'Omim Kiosisé Ayó e Senzala Religiosa Mukunndewá, respectivamente sob as lideranças de Mãe Iara de Oxum e Mãe Val de Ogum. A elas um muito obrigado pela alta disponibilidade e grande sabedoria repartida.

Grata pela paciência da família e pelas recomendações de minha mãe, Maria Gabriela Hita e suas advertências quanto aos prazos encerradas com um abraço. Ao solícito padrasto, John Gledhill, por ajudar nas questões práticas. E a meu carinhoso pai, Fábio de Aguiar, quem acompanhou em detalhes o meu desenvolvimento e auxiliou nesse percurso.

Resumo

Esta monografia propõe-se a refletir sobre textos culturais do candomblé com poder de extensão para além dos limites físicos de terreiros, a partir da seguinte questão: de quais maneiras se dá a construção de signos do candomblé na cidade de Salvador? O trabalho analisa dois casos: a Pedra de Xangô e o Dique do Tororó. Para tanto, explora conceitos da semiótica e outros de áreas afins, como a antropologia e a geografia. Situa noções acerca de modos de vida, cultura, espaço e lugar. Problematiza distintos usos e apropriação do espaço, sejam esses derivados do âmbito público, religioso ou privado.

Palavras-chave: Candomblé; Texto cultural; Linguagem; Cidade.

Abstract

This monograph aims to provide a reflection on candomblé cultural texts that have the capacity to extend themselves beyond the physical limits of temples, starting from the following question: in what ways does the construction of signs of candomblé manifest itself in the city of Salvador? The study analyses two cases: the Rock of Xangô and the Tororó Lake. To this end it explores concepts from semiotics and other related areas such as anthropology and geography. It addresses notions related to modes of life, culture, space and place. It problematises distinct uses and appropriations of space, whether these derive from the public, religious or private spheres.

Key words: Candomblé; Cultural text; Language; City

Lista de ilustrações

Figura 1 – Pedra de Xangô	35
Figura 2 – Visita de Mãe Iara ao Otá em 30/09/14	39
Figura 3 – Mural no terreiro de Mãe Iara (Ilê T’Omim Kiosisé Ayó)	43
Figura 4 – A árvore da Pedra	49
Figura 5 – Orixás no lago do Dique	61
Figura 6 – Vista do Dique para a Fonte Nova	63
Figura 7 – Turista passeando pelo Dique	66
Figura 8 – Iansã	73

Sumário

INTRODUÇÃO	9
I O CANDOMBLÉ EM TRÂNSITO	14
II A PEDRA DE XANGÔ	35
2.1 Análise Semiótica	44
III O DIQUE DO TORORÓ.....	55
3.1 Análise Semiótica	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
GLOSSÁRIO INFORMAL DO CANDOMBLÉ	83

INTRODUÇÃO

Como natural soteropolitana recordo que, desde pequena, a estética desfilante do candomblé nas ruas, por vezes mais ou menos explícita e visível fazia-se saltar aos olhos de uma criança. Na Pituba, comer acarajé cortadinho e embrulhado no papel com meu pai. Prestar atenção na Baiana toda arrumada e como ela preparava o delicioso quitute típico da nossa terra. Ainda quando o dar-se conta dessas singularidades decerto veio com o tempo, viagens e comparações. Nos domingos, passear de pedalinho no Dique, dar de comer aos peixes e ver aquelas mágicas estátuas enormes flutuando sobre a água. Acompanhando a cidade com o olhar por vários caminhos da trajetória cotidiana: deparar-se com sereias, pinturas e outras artes fazendo referência ao candomblé. E fevereiro, em meio a tanta gente, jogar flores no mar para a sereia maior.

Socióloga e pesquisadora, minha mãe Maria Gabriela Hita trabalhou durante muito tempo com famílias negras em Salvador chefiadas por mulheres. Cresci ouvindo histórias e todas, de alguma forma, se relacionavam com o candomblé. Até o momento encontrava-me muito circunscrita ao ambiente doméstico e de escolas particulares. Ao começar a cursar Comunicação na Universidade Federal da Bahia, a cidade expandiu-se como experiência. De um modo especial, esse despertar recebeu grandes aportes das disciplinas de Políticas da Cultura e da Comunicação, Semiótica e Oficina de Comunicação Audiovisual, por elas servirem como ferramentas de conhecimento e análise da cultura e da cidade.

Em 2012, assumi a oportunidade de fazer parte do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação (Petcom). O tutor, Fábio Sadao, propôs aos bolsistas uma pesquisa sobre cidade vinculada ao Grupo de pesquisa Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura (ESPACC), coordenado por Lucrécia D' Alessio Ferrara, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No caso de Salvador, a pesquisa volta-se para os circuitos do carnaval.

Nesse tempo, foi possível entrar em primeiro contato com parte da bibliografia usada para a presente monografia, no que concerne às questões de conhecimento da semiótica da cultura na cidade.

O recorte do candomblé vem sendo desenvolvido desde a disciplina de Elaboração de Projeto em Comunicação. Para aprofundar meu conhecimento do candomblé, no semestre seguinte participei das aulas de Etnografias sobre Religiões Afro-brasileiras (boa parte dos alunos adeptos do candomblé) ministradas pela professora doutora Miriam Rabelo, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. A experiência permitiu-me dialogar com outra unidade da UFBA, assim como seus integrantes e coletar muitas das referências correspondentes ao tema.

Ao mesmo tempo, cursava a última disciplina optativa Comunicação e Contemporaneidade. Na livre escolha do trabalho final da matéria que discutia “cultura, identidade e cidade” surge a ideia de trabalhar com monumentos de Salvador que expressem o seu sincretismo religioso. O tópico foi então inspiração para a elaboração dessa monografia, porém, aqui restringiu-se aos signos e monumentos exclusivamente considerados da religião do candomblé. Afinal, a pergunta de partida feita para desenvolver o trabalho é: de que maneiras se dá a construção de signos do candomblé na cidade de Salvador?

A cidade é entendida como uma linguagem ou sistema de signos que interage com várias outras linguagens, como, por exemplo, a esfera cultural religiosa. Linguagem que, a partir de valores e uma visão de mundo particular, constrói formas de representação e interpretação do espaço no qual age e sofre. Logo, importa compreender como signos do candomblé são traduzidos pela e na cidade de Salvador. Mas a cidade possui distintas facetas, e ainda no âmbito religioso podemos encontrar traduções diametralmente opostas. Para tanto, basta inquirir e comparar os modos de ver candomblecista com o evangélico, principalmente considerando o radicalismo neopentecostal. Inclusive, pretende-se explorar aqui um pouco

das outras possibilidades de abordar um “mesmo” signo articulado por distintos textos culturais, a partir do diálogo entre diferentes esferas, tais como: religiosa, política, econômica, ambiental, artística, turística e ou individual.

As aulas e o diálogo com o orientador contribuíram muito para fazer o recorte dos objetos de pesquisa. Primeiro levantou-se um considerável número de representações na cidade que fazem referências estéticas, conceituais e ou espirituais ao candomblé. Durante a seleção, atentou-se para os itens que, ao longo de sua história, já apresentavam uma densa relação com a religião em questão. Ao cabo desse processo, foram escolhidos os seguintes lugares: a Pedra de Xangô e o Dique do Tororó. Lugares esses que, conforme uma breve e prévia coleta de informações, trazem indicativos de haverem transcendido os seus meros limites geográficos atingindo a esfera da representação. O que implica em dizer que, ao funcionarem como textos culturais, tais espaços comunicam diferentes sentidos.

O ponto de partida das hipóteses do trabalho parte da indagação acerca das possíveis percepções culturais dos lugares já mencionados. A princípio, cogita-se o fato de irem além de um espaço de puras materialidades visuais, consistindo em uma exteriorização da simbologia afro-religiosa em Salvador, ao mesmo tempo em que representam lugares sagrados. As hipóteses foram sendo desenvolvidas através da identificação de variantes e invariantes em meio a um contraste dos lugares objetos dessa pesquisa. Do olhar comparativo de uma estratégia analógica, surgem tentativas de apresentar algumas categorias, ainda que bastante frágeis, dado que móveis de acordo com o contexto de produção.

Para subsidiar a capacidade de realizar alguma identificação recorre-se previamente aos três processos peirceanos (FERRARA, 2002, p. 32-33): *ver*, *discriminar* e *generalizar* à procura de perceber os modos de ser de uma experiência. Optou-se por tal estratégia metodológica pelo fato de manifestar em si a instabilidade interpretativa, que apesar de relativa tende a acompanhar o movimento e mudanças do objeto científico. Para construir um

conhecimento do lugar na cidade aliou-se à pesquisa qualitativa uma coleta de dados feita a partir de idas a campo e entrevistas. Foram realizados três dias de pesquisa de campo: primeiro ao Dique do Tororó no dia 02 de agosto, a segunda vez para encontrar a Pedra de Xangô no 20 de setembro e, por último, o Parque São Bartolomeu no 04 de outubro, dia da inauguração de obras de sua requalificação. As entrevistas consistiram em dois encontros. Um deles com Mãe Iara, no 30 de setembro, para falar principalmente da Pedra de Xangô e outro com Mãe Val, no dia 26 de outubro. Para a formação do referencial teórico, o trabalho também vale-se de material bibliográfico tais como livros acadêmicos, dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigos, notícias de jornal e informações extraídas da internet.

De acordo com o processo metodológico foram-se elaborando e revendo hipóteses em relação aos tipos de comunicação presentes nos lugares de estudo. Assim, estariam em conflito intervenções racionais impostas por instituições que adotam uma lógica capitalista contra demandas espontâneas advindas da comunidade popular em prol de atender suas necessidades. Em que sentido e a partir de quais motivações pode-se estar considerando a construção de identidades nesses lugares? Ao mesmo tempo em que buscará responder essa questão, fortemente associada com a dúvida inicial já plantada, como hipótese adicional espera-se também encontrar nos lugares escolhidos formas de reapropriações de signos e evidências de ritos que aumentam as chances de distinção do lugar.

A monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro trata de apresentar distintivos do candomblé ao discorrer sobre sua formação no Brasil, características centrais, definições, modo de funcionamento e visão de mundo. O segundo capítulo introduz um dos casos de estudo: a Pedra de Xangô. Entremeadado por fotos, cruzam-se relatos, informações de origem histórica e frutos derivados de tensões sociais. Após uma parte de caráter mais descritivo, ainda no segundo capítulo, expõem-se conceitos para a posterior análise cultural do lugar. Conceitos como os de espaço, visibilidade, imagem, texto cultural, não-cultura,

psicosfera, tecnosfera são de grande utilidade para a reflexão proposta nessa pesquisa. O último capítulo corresponde ao outro caso: o Dique do Tororó. E segue um raciocínio de estruturação semelhante ao capítulo anterior, com a diferença de prescindir da elucidação daqueles conceitos já trabalhados, partindo logo para sua análise contextual.